



Suzanne
Nelson

Acasos Felizes

Três vidas.
Três histórias marcadas pelo sofrimento.
Três destinos alterados para sempre
por um par de sapatos.

TOP
SELER

Para a Christy,
pessoa verdadeira, pedra de toque, melhor amiga, irmã

• • •

*Pois não há amiga como uma irmã
Em tempo calmo ou tempestuoso:
Para nos alegrar se estivermos entediados,
Para nos ir buscar se nos perdermos,
Para nos levantar se nos desequilibrarmos,
Para nos dar força enquanto nos pomos de pé.*

Christina Rossetti, *Goblin Market*

PRÓLOGO

Os sapatos guardam segredos. Mantêm cativos nas suas solas pedaços de História. Um simples estilhaço de vidro de uma noite de terror longínqua, cravado na sola gasta de um sapato oxford¹. Um grão de areia da praia de Coney Island encurralado por baixo da entressola de um *stiletto* prateado, *souvenir* accidental de um encontro amoroso encantado à luz do luar. Pedacinhos de solo negro de Houston metidos nos sulcos de um ténis cor-de-rosa depois de uma corrida frenética pela sobrevivência. Uma herança inestimável escondida no salto oco de um delicado sapato de cerimónia, marcando um silencioso ato de bravura numa noite fria de novembro.

Um sapato desgastado que teve muito uso e foi amado é uma visão muito mais feliz do que a dos sapatos por usar esquecidos e engolidos pela garganta negra de um guarda-roupa. Esse sapato esteve em sítios, foi tocado ao de leve pelos meneantes dedos dos pés de alguém e aquecido pela sua pele. Mas e os sapatos deixados na rua? Os ténis descoroados pendurados num cabo telefónico debaixo de chuva torrencial; os sapatos vermelhos abertos à frente caídos e virados ao contrário na berma da estrada de Palisades. Terão uma história para contar? Uma história tão complexa como as pessoas que, por mais breve que tenha sido, os tiveram como seus?

Se uma pessoa parar e se der ao trabalho de olhar com atenção, um sapato pode abrir mão dos seus segredos. Pode contar como fez

¹ Sapatos Oxford: sapatos de atacadores. [N. do E.]

com que uma jovem se sentisse bela numa noite solitária ou como deu a uma outra mais dois centímetros e meio de altura para o seu primeiro beijo de cortar a respiração. Se os sapatinhos da Cinderela puderam fazê-la passar de plebeia a princesa e os de Dorothy a transportaram para casa, decerto os sapatos vulgares também encerrarão poder. A magia está lá, nas profundezas da sola. Um par de sapatos pode encantar quem o observa, transformar quem o calça, aconchegar dedinhos pequeninos ou amparar uma planta do pé dorida durante mais um quilómetro. Sim, um sapato pode até salvar uma vida. E, às vezes, quando o destino e a magia se misturam, um sapato extraordinário pode adentrar muitas vidas e mudá-las a todas.

PRIMEIRA PARTE

*E eu não sou um sapateiro que escreve, graças a Deus,
Mas sim um poeta que faz sapatos.*

Mani Leyb

9 de novembro de 1938
Berlim, Alemanha

DALYA

— **E** stá na hora. Num tom de voz abafado, meigo mas aterrado, foram estas as palavras que a sua mãe proferiu ao ouvir ao longe o primeiro tinido de vidro estilhaçado. Estivera a olhar pela janela do seu apartamento no piso de cima, de vigia, como há várias semanas fazia todas as noites. Na maioria delas não acontecia nada de grande importância. Mas nesse dia, na escola, tinham mandado Dalya mais cedo para casa. Ouviam-se rumores sussurrados de que algo horrível estava para acontecer, embora ninguém soubesse ao certo o que era nem quando seria. Quando Dalya foi a pedalar para casa nessa tarde, o terror assolou as ruas da zona oeste, obrigando os seus colegas de escola a irem para casa muito antes do anoitecer.

Agora, a sua mãe virava costas à janela, com o rosto muito pálido.

— Estão a chegar — disse ela. — Eu fico com o teu irmão e a tua irmã. Vai buscar o pai à oficina. — Tirou do bengaleiro o casaco de Dalya, as luvas e o cachecol. Aconchegou rapidamente vários pãezinhos e um naco de queijo num buraco que tinha feito dias antes no forro do casaco de Dalya.

Dalya enfiou-se no casaco, com os pães apertados desconfortavelmente contra o tronco. Quase argumentou que se tratava de uma precaução ridícula. A Gestapo já tinha feito buscas à procura de armas e contrabando dezenas de vezes. Sim, haviam prendido Herr Rozen, o talhante do bairro, depois de ter sido apanhado a vender carne *kosher*. Mas depois de lhe fecharem a loja, libertaram-no. O que é que havia de

tão diferente naquela noite? Ainda assim, o medo nos olhos da mãe fizeram-na ficar em silêncio.

A mãe tirou os anéis do dedo e colocou-os na palma da mão de Dalya.

— Lembra-te daquilo de que falámos.

— Mas eu tenho a certeza de que não é nada...

A mãe levou um dedo aos lábios de Dalya, silenciando-a.

— Atearam fogo à loja dos Schellers! — sussurrou ela, assegurando-se de que apenas Dalya a ouviria. — Estão a destruir tudo!

— O quê? — Um terror brotou dentro de si. Aquilo era diferente do boicote feito à oficina da família, do feio vandalismo que acontecia de modo cada vez mais frequente. Nunca tinha sido assim.

— Esta noite, *liebchen*, tudo começa. — A mãe abraçou-a ferozmente. — *Beeil dich!* — sussurrou ela. — Vai depressa! Não temos muito tempo.

Dalya olhou de relance para David e Inge, sentados à mesa a comer o seu *abendbrot*. A mãe vestia-lhes os casacos entre garfadas, ao mesmo tempo que lhes enchia também os bolsos e os forros com pãozinhos.

— Aonde vamos? — protestou David, dando uma última colheira. — Ainda não terminei!

Dalya engolia a custo, com o sangue a zumbir-lhe nos ouvidos. Pobres Inge e David. Com 5 e 7 anos, a coisa mais assustadora que até então tinham conhecido era a possibilidade de perderem a ceia.

— E a Dalya prometeu-me a mim e à Bonequinha uma história — disse Inge, fazendo beicinho enquanto se abraçava à boneca. Com umas bochechas rechonchudas e as feições miudinhas, ainda tinha um ar de bebé que a tornava adorável. A mãe mimava Inge muito mais do que alguma vez mimara Dalya, aturando-lhe birras que ficavam sem castigo e deixando-a escapar às tarefas domésticas. Quase todas as noites, enquanto a mãe ajudava o pai a limpar a oficina depois do fecho, Dalya contava uma história a Inge antes de dormir. Por vezes, custava-lhe que a tirassem da oficina, sobretudo quando Inge estava difícil. Para acalmar a sua própria impaciência, metia sapatos em cada uma das histórias que contava, para que nunca saíssem dos seus pensamentos. Contudo, quando os olhos de

Inge finalmente começavam a fechar-se, Dalya adorava a doçura daquela mão pequenina pousada sobre a sua.

David era o companheiro de brincadeira de Inge, mas também a sua némesis, e sorria-lhe agora de modo traquina.

— Vou dar uma aparadela à tua bonequinha — disse ele, imitando uma tesoura com os dedos. Inge guinchou e saltou para trás da mãe, aninhando a boneca de modo protetor.

— Tenho a certeza de que voltamos num instante — disse Dalya. — E nessa altura, Inge — acrescentou ela, com um sorriso —, somos capazes de dar uma aparadela ao David.

Os olhos de David dilataram-se quando Dalya se lançou aos dois irmãos para lhes fazer cócegas, mas a mãe disse, de repente:

— Não é hora para brincadeiras.

Dalya endireitou-se com o tom severo da mãe.

— Só estava a tentar ajudar — disse ela, mas a mãe apressou-a para a porta com um austero «Vai lá!».

Com Inge e David a olhar com surpresa, correu para o piso de baixo e entrou pelas traseiras da oficina da família. Assim que transpôs a porta, foi envolvida pelo aroma almiscarado do cabedal. Era o cheiro que acompanhara toda a sua existência de criança pequena, quando se sentava atrás da bancada da oficina a comer bolinhos de batata e a ver a mãe e o pai a trabalhar. Era o aroma do que lhe era familiar, do que ela amava — um aroma que esperava que a acompanhasse a vida toda. Porque, tal como a mãe e o pai faziam sapatos, também ela os faria, assim o esperava. Um dia, ela e o marido haveriam de gerir aquela oficina em conjunto, tal como faziam agora os seus pais.

O pai estava sentado no banquinho, com o gogo empoleirado sobre as coxas, enquanto batia uma sola. Ergueu distraidamente o olhar com um sorriso tímido, uma expressão que usava quando estava completamente absorto na sua tarefa.

— *Vati* — disse ela, com voz rouca. — *Vati*, eles vêm aí. A *muti* diz que andam a queimar oficinas.

O seu sorriso desfez-se, as faces rosadas amareleceram. Levantou-se, deixando cair em voo para o chão a sola que tinha na mão. Ao espreitar pela grande janela da frente, ofegou.

— Mas isto... isto é a loucura... Eles não podem! — Estalidos agudos crepitavam no ar, fazendo-os dar saltos. — Tiros — sussurrou ele. Apressou-se em direção à gaveta do dinheiro e esvaziou-a.

Ela foi a correr para o lado do pai e, juntos, empurraram a estante de madeira pelo chão, deixando à vista um painel quase imperceptível recortado no papel de parede. O pai fez deslizar um canivete pelo rebordo e retirou o painel da parede, revelando um cofre.

— Eu trato disto — disse ele. — Tu faz o que a tua mãe queria.

Dalya assentiu com a cabeça e agarrou na caixa de latão que se encontrava no fundo do armário dos utensílios. Levantou a tampa e, lá dentro, exatamente como os tinha deixado na noite anterior, encontrou os sapatos... os *seus* sapatos. Mesmo com o pânico crescente, era um entusiasmo olhar para eles. O primeiro par de sapatos que a mãe a deixara fazer sozinha, do princípio ao fim. Desenhara-os no seu caderno na primavera anterior. Por norma, ela amontoava os desenhos, protegendo-os da sua mãe. A mãe dispensava mais críticas do que elogios, corrigindo constantemente o trabalho manual de Dalya, obrigando-a a refazer as costuras de uma sola ou a reconstruir uma gáspea que não estava absolutamente perfeita.

— O sapato tem de ser uma segunda pele — dizia sempre a mãe. — É um ponto de apoio para o pé, algo que embeleza e ampara. Uma pessoa nunca deve sentir que tem o sapato calçado. Se roçar, arranhar ou trilhar os dedos do pé, é sinal de que não foi bem feito.

Mas quando Dalya imaginara pela primeira vez estes sapatos na sua mente, pressentiu que se tratava de uma rara inspiração e que devia ser passada ao papel antes que se escapasse. Sentira um afeto tão intenso pelos sapatos que não quisera que a mãe a aborresse por causa deles, encontrando-lhes defeitos. Contudo, certo dia, deixara o caderno aberto sobre a mesa da cozinha e, ao chegar a casa vinda da escola, encontrou a mãe debruçada sobre o esboço dos sapatos, analisando-o atentamente.

Dalya aguardou, sustendo a respiração.

— Este sapato... — A mãe percorreu a silhueta com um dedo. — Este sapato está ótimo. Este podes fazer.

O pai fez uma forma nova para o sapato, esculpida em carvalho e tomando como modelo o pé da própria Dalya. Dalya escolheu um

cetim cor de champanhe com um lustro rosado para a parte de cima e passou horas a bordá-lo com um delicado padrão floral. A mãe raramente consentia tal extravagância, mas, surpreendentemente, deixara que Dalya escolhesse os melhores tecidos e materiais para os seus sapatos. Um salto carretel em conjunto com uma biqueira arredondada conferia ao sapato uma suave feminilidade, e um rebordo de pérolas minúsculas embelezavam-lhe o decote. Por fim, os atacadores de cetim foram adicionados à gáspea, atados sobre o ligeiro arco no peito do pé como se de uma ponte de seda se tratasse. Em certa ocasião, Frau Kaufmann tinha passado por lá e visto Dalya a trabalhar nos sapatos. Quisera comprá-los nesse mesmo instante. Dalya corara de orgulho, mas a mãe limitou-se a dizer: «Estes sapatos são para a minha Dalya. Um dia, há de casar-se com eles calçados.»

De um momento para o outro, o destino dos sapatos de Dalya ficou traçado. A mãe fizera a afirmação como se de um facto se tratasse, e Dalya nem sequer se incomodara. Assim que ouviu as palavras, soube que eram verdadeiras. Não tinha nenhum marido em vista e, aos 15 anos, não desejava ter nenhum durante os anos que se seguissem. Ainda assim, sabia que, um dia, quando encontrasse um jovem digno dos sapatos, haveria de os usar para ele no dia do seu casamento.

Agora, com o barulho de gritos e vidros estilhaçados na rua a aumentar e a tornar-se mais insistente, Dalya retirou o sapato direito da caixa metálica. Virou-o e dobrou cuidadosamente o salto para o separar da sola. Uma dobradiça oculta concebida pela sua mãe permitia que a base do calcanhar se afastasse da sola, para deixar à mostra o minúsculo compartimento escavado no interior.

O esconderijo tinha sido ideia da mãe.

— Um sítio onde os nazis nunca irão procurar — dissera a mãe. — Esperamos que corra tudo bem, mas temos de fazer planos para o caso de não correr.

Dalya tirou do bolso os anéis da mãe. A aliança de casamento era de ouro baço e o anel de noivado tinha uma pedra no centro com seis diamantes mais pequenos à volta. Muitas vezes, os diamantes lançavam arco-íris por toda a oficina, enquanto a mãe trabalhava. Dalya nunca a tinha visto tirar os anéis, e estremecia com a ideia do

que levaria a sua mãe a suportar separar-se deles. Enfiou cuidadosamente os anéis no salto, junto ao fino pedaço de papel que lá colocara semanas antes, depois selou o salto com cola.

Os gritos na rua haviam-se tornado ensurdecedores, e o pai de Dalya corria pela oficina na sua direção.

— *Tens* de te despachar! — Tinha a voz rígida devido à urgência. — Eles já estão aqui ao lado.

Tornou a guardar os sapatos na caixa de latão. Os seus dedos trémulos tiveram dificuldade em aferrolhar a tampa. Depois de fechada a tampa, Dalya dobrou-se sobre as tábuas do soalho atrás da bancada, procurando às apalpadelas a tábua certa. Meteu a unha num sulco e puxou a tábua para cima, enfiando depois a caixa lá debaixo. No instante em que a tábua do soalho voltou a encaixar no lugar, o pai apareceu com o martelo e pregou a tábua. Foi sobre essa mesma tábua, que tapava os sapatos que com tanto amor ela manufaturara, que Dalya se posicionou quando os dois soldados irromperam pela oficina.

A primeira coisa em que reparou foi na faixa vermelha com a suástica preta que envergavam nos uniformes cinzentos. A visão revolveu-lhe as entranhas. A segunda coisa foram as botas. Com o lustro puxado até exibirem um preto brilhante, a intenção era impressionar, ou intimidar. Quando Dalya olhou para elas, viu um reflexo espalhafatoso e esquelético do seu rosto na biqueira reluzente. E, subitamente, odiou as botas — odiou-as por levarem o terror àquele sítio que ela adorava.

— Estamos à procura do Herr Amschel — anunciou o soldado mais alto.

O pai dela fez um aceno de cabeça.

— Encontraram-no.

O soldado deu um passo em frente.

— É acusado de ser um inimigo do Estado. O senhor e a sua família têm de nos acompanhar.

— Um inimigo do Estado? — Dalya fixou o olhar no do soldado, com o coração a ribombar-lhe nas costelas. — Isso é ridículo. — A boca dele transformou-se numa linha fina. — O meu pai não fez nada...

— Chiu. — O pai deu-lhe um apertão no braço.

Ela esperou que ele protestasse, que declarasse a sua inocência. Mas o pai, que nunca na sua vida interrompera o contacto visual com nenhum homem, baixou a cabeça para fitar o chão.

— É claro que os acompanharemos — disse ele, num tom de voz educado e suplicante, que Dalya não lhe conhecia. — Preciso, por favor, de uns momentos para ir buscar a minha mulher e os meus filhos.

— Três minutos — disse bruscamente o soldado mais alto.

— Obrigado. — O pai curvou a cabeça de modo conciliador e puxou Dalya pelas escadas traseiras acima, agarrando-lhe com tanta força na mão, que até lhe fez doer.

— Eles não podem prender-te — sussurrou Dalya. — O que é que fizeste?

O pai deteve-se no degrau cimeiro, com um rosto sofrido.

— Nós somos *Juden*. Para eles, só isso já é crime.

Ao abrir a porta do seu pequeno apartamento, encontraram a mãe, o irmão e a irmã à espera. A provocação brincalhona de David e o melodrama de Inge tinham desaparecido. Tinham os olhos arregalados e assustados.

— Temos de ir com eles, mas voltamos. — O pai beijou a mãe na testa. — Isto não tardará a passar.

Desceram juntos até à oficina, onde eram esperados pelos soldados. O mais alto estava junto à bancada, inspecionando as ferramentas de sapateiro do pai, com os lábios enrolados num trejeito de repulsa. E foi então que Dalya viu o frasco de cola que estivera a usar anteriormente, pousado sobre a bancada, a uma distância de alcance perfeita. Ao passar pelo soldado, fingiu tropeçar. Agarrou-se à bancada para se equilibrar, fazendo tombar habilidosamente o frasco pela beirinha.

O frasco virou-se ao contrário, vertendo uma espessa cola amarela sobre toda a bota do soldado.

— *Schwerfällig!* — grunhiu o soldado. — Desastrada!

Dalya tapou a boca, fingindo horror.

— Peço imensa desculpa — disse ela. — Escorreguei.

A mãe puxou-a para a afastar do soldado.

— Perdoe-lhe — disse, rapidamente. — É apenas uma miúda com a cabeça no ar.

Com os olhos em brasa, o soldado ergueu a mão, pronto para atacar. Mas um gemido da garganta de Inge surpreendeu-o. A mão descaiu.

— Leva-os lá para fora — disse ele, por entre dentes cerrados. — Já.

Dalya foi incitada a sair rapidamente, com a mãe a arriscar um olhar reprovador de relance na sua direção que mostrava que sabia que a cola não tinha sido falta de jeito. Mas Dalya não se importou. Estava satisfeita com o seu ato. Mesmo que a mão dele lhe tivesse *mesmo* batido, ela teria continuado satisfeita. Guardava dentro de si um sorriso escondido ao observar o soldado a tentar em vão remover a cola da bota. Ele acabou por desistir e juntar-se a eles lá fora, com o rosto transformado numa bolha de raiva.

— Vão para a fila. — Fez sinal com a cabeça para o outro lado da rua, onde se encontravam os vizinhos num trémulo aglomerado. Estavam lá os Buttenheims, os Felsbergs, os Rozens. Estava lá Aaron Scheller, um dos colegas de escola de Dalya, com a mãe, o pai e a irmã mais nova. Chava Scheller era a melhor amiga da mãe, e as duas famílias reuniam-se muitas vezes para o jantar do *sabat*. Dalya conhecia Aaron desde que eram crianças pequenas. Na infância, ele seguira-a frequentemente de quarto em quarto como um animal sedento atrás de uma nuvem. Ela nunca tentara esconder a irritação que a devoção dele lhe provocava. Lembrava-se de encenar inúmeros espetáculos de marionetas e de dança, rindo-se e rodopiando à volta dele enquanto ele assistia melancolicamente, sentado no chão. Embora uma parte dela gostasse da atenção, havia sempre uma adoração excessiva no seu olhar penetrante. Incomodava-a o facto de ele lhe conceder com tanta facilidade, quando ela sentia que não a merecera. E agora ali estava ele, observando-a de novo com aqueles mesmos olhos cor de avelã curiosos.

Dalya avançou para a rua, com vidro a estalar debaixo dos seus sapatos. Havia buracos nas montras das lojas nos dois sentidos da Kurfürstendamm, que tinham os vidros estilhaçados. A rua era uma das mais movimentadas de Charlotemburgo, habitualmente pejada de gente às compras, mas nessa noite estava deserta e destruída. Lamúrias e soluços de vizinhos que ela conhecia quase desde sempre, pessoas

que nunca tinha visto a chorar, estabeleciam o contraponto com os gritos e tiros que ecoavam das ruas circundantes.

Olhou de relance para a oficina da família e viu o pai, ainda à porta, hesitante.

— Só mais um momento, por favor — disse ele aos soldados. Enquanto desligava as luzes da oficina e trancava a porta da frente, um sorriso malicioso cruzou o rosto do soldado mais alto.

O pai juntou-se a eles na fila, ao lado da mãe e dos Schellers.

Havia fumo a serpentear pelo ar, queimando-lhe os pulmões. Uma estranha névoa amarela brilhava no céu sobre a Fasanenstrasse, algumas ruas acima.

— O que é aquilo? — sussurrou Dalya.

Dos lábios da mãe escapou-se um grito.

— A sinagoga. Deitaram-lhe fogo.

Dalya sentiu o estômago revoltado. A bela sinagoga, com o seu glorioso teto abobadado, a arder. Porquê? Não conseguia perceber. Tinha dúvidas de que alguma vez conseguisse.

Os soluços de Inge aumentaram para um uivar frenético e o soldado mais alto levantou a coronha da sua arma.

— Alguém a cale, senão calo-a eu.

Foi Dalya quem chegou primeiro a Inge, pegando-lhe ao colo porque a mãe já tinha David nos braços. A mãe pediu desesperadamente silêncio a Inge, mas não resultou, e não tardou a que o lábio de David também tremesse. Dalya tinha de fazer alguma coisa.

— Querem que vos conte uma história agora? — sussurrou-lhes. Virou costas ao soldado, encostando a cabecinha de Inge ao seu ombro de modo a que ela não conseguisse ver.

Inge abanou a cabeça, fungosa.

— Mas... não são horas de dormir — disse, com a voz embargada.

— Não é preciso que sejam. — Dalya abraçou-a com mais força, enquanto o pai e Herr Scheller se posicionavam entre a arma e as suas famílias. — Era uma vez uma linda filha de um sapateiro — começou ela, tentando concentrar-se mais nas palavras do que na arma que tinha apontada às costas. Falou de modo tranquilo, enquanto o coração de colibri de Inge ribombava no seu peito, sendo a voz a única parte calma nela. Aaron foi colocar-se de modo protetor ao

lado delas, e isso, juntamente com a história, resultou para aquietar Inge o suficiente para fazer o soldado baixar a arma. Passados alguns minutos, Dalya já foi capaz de entregar Inge ao pai.

— Estão a destruir tudo — sussurrou Aaron, assim que Inge ficou fora do alcance da sua voz. — Se pudessem, aposto que nos matavam a todos agora.

— Aaron! — Dalya olhou-o fixamente. — O que é que estás a dizer? Eles não têm o direito...

— Assumem esse direito. — Os punhos cerraram-se-lhe de cada lado do corpo. — Não irão parar depois disto. Não irão parar *nunca*.

O pai de Dalya surgiu junto deles, com um olhar sério.

— Oiçam-me, vocês os dois — sussurrou ele. — Há um homem aqui em Berlim. O Leonard Goodman, um amigo meu. É americano, *quaker*. Tem muitos amigos influentes. Nestas últimas semanas, tem andado a arranjar vistos para nós. Disse que haveria de ajudar se... acontecesse uma coisa deste género. — Envolveu as mãos deles nas suas. — Assim que isto acabar e vos libertarem, vão ter com ele.

Aaron concordou com um aceno de cabeça, mas Dalya acrescentou com firmeza:

— Vamos todos juntos, *Vati*.

— Se Deus quiser. — O pai apertou-lhe as bochechas com a mão e depois foi juntar-se à mãe.

Aaron inclinou-se na direção de Dalya, com a boca quase a roçar-lhe a orelha e fazendo-a sentir um calor involuntário e indesejado.

— Dalya, fiz uma promessa ao teu pai de que tomaria conta de ti. Se nos levarem para fora da cidade, se nos separarem, arranja maneira de voltares aqui. Encontra o Herr Goodman, que eu encontro-te a ti.

Dalya deu uma breve gargalhada.

— Isso nunca irá acontecer. Porque é que o meu pai te pediria *a ti* para tomares conta de mim, se eu sou perfeitamente capaz de tomar conta de mim mesma?

Ela fixou os olhos nele, aguardando a sua resposta, mas ele baixou o olhar com constrangimento. De repente, ela adivinhou as intenções do pai. Devia estar com esperanças de que algo mais — mais do que amizade — se desenvolvesse entre ela e Aaron. Que Aaron fosse o seu protetor, que zelasse por ela. Arrepiou-se. Como se a sua mente

pudesse ser moldada assim com tanta facilidade. Porque é que o seu futuro haveria de ser discutido e planeado na terceira pessoa, sem que ela tomasse parte nisso? E, pior ainda, porque é que Aaron havia de ser parte interessada nos planos, quando ela não o era?

— Se *houver* algum problema, o que eu duvido — disse ela, com rancor —, eu hei de encontrar o meu próprio caminho.

As sobrancelhas de Aaron ergueram-se com surpresa e um leve sorriso brincou em torno da sua boca sem nunca se instalar.

— Quem me dera... quem me dera que gostasses mais de mim. — Havia uma mágoa na sua voz, mas Dalya convenceu-se de que não a tinha ouvido.

Abriu a boca, mas, como não conseguia dizer que não era verdade sem estar a mentir, fechou-a de novo. Talvez *tivesse podido* gostar mais dele, se ele não andasse sempre a mendigar a sua aprovação. Mas, evidentemente, não podia dizê-lo em voz alta.

No instante em que o silêncio entre eles começava a tornar-se desconfortável, os soldados posicionaram-se à volta do grupo e mandaram-nos começar a andar.

— Para onde nos levam a todos? — perguntou Frau Scheller, com uma histeria tranquilamente contida a tingir-lhe a voz.

A mãe de Dalya pegou-lhe na mão.

— Não sei, Chava. Mas estamos juntos. E isso é uma bênção.

Dalya olhou de relance para Aaron e um entendimento perpassou-os. Ela posicionou-se numa ponta, ao lado de Inge, David e Hila, a irmã de Aaron. Aaron ocupou a sua posição na outra ponta. Juntos, formaram uma barreira de proteção à volta das crianças, dando-lhes as mãos para prosseguirem pela rua. Inge ainda chorava, mas em silêncio, depois da explosão anterior a ter deixado sem forças. Ao tropeçar pela terceira vez, Dalya pô-la às cavalitas, para conseguir acompanhar o ritmo deles.

Aaron fez-lhe um ligeiro aceno de cabeça de encorajamento. Se estava zangado com ela, não mostrava qualquer sinal. Tinha os olhos brilhantes, resolutos, com a escuridão a conferir ao seu rosto uma severidade que era mais de homem do que de rapaz.

— Faz o que te mandarem — sussurrou. — Assim será mais fácil. Mas lembra-te do que te disse. Mesmo que... — Fez uma pausa. —

Mesmo que não queiras, eu hei de encontrar-te. Fiz essa promessa e não posso quebrá-la. — Os olhos dele fixaram-se nos dela. — Independentemente do que te aconteça, do que te façam, esconde-te o melhor que conseguires, onde não te possam encontrar. Até isto acabar.

Independentemente do que te façam. Ela estremeceu, depois assentiu com a cabeça, sentindo instintivamente uma divisão dentro de si. A Dalya do Antigamente a aconchegar-se nos recantos do seu coração para se proteger. A Dalya do Depois a surgir como uma fortaleza preparada para o ataque.

A Lua era uma orbe brilhante no céu índigo e o encanto da noite causava muito mais estranheza quando imersa no medo amargo exalado pelas pessoas à sua volta. À medida que avançavam, os vidros estilhaçavam-se de modo cem vezes mais ruidoso do que antes. Quando Dalya se virou, viu as montras da sapataria de Amschel despedaçadas, uma ferida aberta na escuridão.

Que parvoíce o pai ter trancado a porta, pensou ela.

Cada passo afastava mais o pai dos sapatos cor-de-rosa clarinhos enterrados debaixo do soalho. Ela rezou para que lá permanecessem, por descobrir. Depois, levantou o queixo bem alto, virou costas à sua casa e caminhou na noite escura.

Outubro de 1990
Nova Iorque

O INÍCIO DE CHOPINE MILLER

Ele estava parado na esquina da Wall Street com a Broadway quando descalçou os sapatos. Os sapatos oxford ainda reluziam, devido à camada de graxa com que os engraxara ao amanhecer. Era o par de sapatos mais caro que alguma vez comprara para si próprio. Tinha-os adquirido, juntamente com o fato feito à medida, no dia em que lhe haviam oferecido o emprego de corretor na Jefferies. O pai, claro está, oferecera-se para pagar tudo aquilo de que precisasse mas, daquela vez, pela primeira vez, Kent recusou-se a permiti-lo. Considerara os sapatos um amuleto de boa sorte e talvez até um passo na direção da sua independência, na esperança de que, aparentando ser bem-sucedido, alcançaria o sucesso desejado.

Mas não tinha considerado o pânico que sentia ao ouvir o som do sino de abertura todos os dias. A adrenalina era normal, diziam-lhe os amigos do ramo. A adrenalina era inebriante, mantinha o estímulo no mercado de transações. Mas Kent já sentia um amargo de boca ainda antes de sair da cama.

Aquela era supostamente a sua vocação. Era o que o pai sempre lhe tinha dito. Devia ser instintiva, não excruciante. Contudo, afinal de contas, era só dinheiro. Nada mais. Dinheiro que nem sequer existia em dinheiro vivo mas que dava a volta ao mundo como um conceito, construindo e destruindo empresas, países e homens.

No dia em que Kent abandonou os seus sapatos, perdeu dois milhões na bolsa. À hora a que soou o sino de fecho, tinha os dedos dos pés dormentes. Um cansaço esmagador apoderou-se dele e ele

saiu a cambalear do palco das transações, em busca de ar fresco. Mas os verões de Nova Iorque são implacáveis, e este tinha guardado um último fôlego para outubro, derramando-se no outono. O calor sufocou-o assim que pôs o pé na rua. Arrastou os pés, com os sapatos a apertá-lo a cada passo que dava. Como é que era possível que os pés de um homem de 23 anos parecessem estar tão velhos, tão gastos?

Sentou-se nos degraus do edifício da bolsa de valores, com os pulmões a arder. Afrito com os pés latejantes dentro dos sapatos, começou a arrancar subitamente os atacadores, dando puxões nas linguetas. Os pés libertaram-se com um suave som de sucção. Seguiram-se as peúgas. Fê-las deslizar pela barriga das pernas e descalçou-as. Suspirou e mexeu os dedos dos pés macerados, a rir-se. Depois levantou-se e foi-se embora.

Linnea Chantal tinha acabado de abrir o seu jantar de dois dólares, uma lata de refrigerante e uma barra de chocolate, quando o viu. Deambulava pela erva cheia de lixo de Battery Park, com o casaco do fato manchado de resquícios de mostarda de um cachorro-quente, o nó da gravata desmazeladamente desfeito. O fato era uma clara ostentação de riqueza, mas ele parecia novo demais para isso, ainda com barba rala e um adorável olhar meio perdido. De poucos em poucos segundos dava um puxão ao colarinho da camisa, como se estivesse a debater-se para o impedir de o sufocar.

Em parte por ser suficientemente nova na cidade para ainda compreender como esta conseguia fazer uma pessoa sentir-se sozinha, e em parte por estar desejosa de ter alguém com quem partilhar as suas novidades, ofereceu-lhe um sorriso.

— Olha! — gritou ela. — Nada de desmancha-prazeres na festa!

Ele ergueu a cabeça dele subitamente e pestanejou algumas vezes, como se estivesse a tentar focá-la melhor.

— Desculpa... — balbuciou. — Hum... qual festa?

— A minha! — Ela abriu os braços, rodopiando. — Estás a olhar para a melhor Éponine que a Broadway alguma vez verá!

— Entras n'Os *Miseráveis*? — perguntou ele, de modo duvidoso.

— Ainda não, mas hei de entrar! — gritou ela. — Hoje fui espetacular na minha audição, e agora estou a festejar! — Estendeu-lhe

o refrigerante e o chocolate e, com o seu melhor sotaque britânico, perguntou: — Posso oferecer-lhe champanhe e caviar, cavalheiro? Compro apenas o melhor.

— Obrigado, mas não tenho fome. — Deu uma gargalhada oca. — Estou só cansado. Só cansado.

— Sim, eu conheço esse tipo de cansaço — disse ela. — É daqueles que nos dá vontade de nos afundarmos no chão e nunca mais nos levantarmos. Eu também me sentia assim às vezes. Mas isso foi antes de vir para cá. — Lembrou-se da tristeza inenarrável que por vezes a engolia por inteiro, sem aviso prévio, durante semanas a fio, até ela se forçar a sair das suas profundezas, exausta das lágrimas. A tristeza assustara-a. Também tinha assustado os seus pais e os professores. Mas nunca haveria de conseguir encontrá-la ali... no meio de milhares de pessoas. Balançou os braços ao longo da grande extensão de edifícios, acesos na escuridão como estrelas terrenas, e sentiu o entusiasmo da promessa da cidade a percorrê-la. — Foi a *este lugar* que eu sempre pertenci.

— Eu pensava que sabia a que lugar pertencia — sussurrou ele, andando para a frente e para trás sobre a erva. — Até hoje. — Pisou numa carga e praguejou, levantando abruptamente o pé do chão.

— Ei, há um sítio bem melhor para se andar descalço — disse ela. — *Se* tiveres coragem suficiente para vires atrás de uma desconhecida. — Era um desafio provocador e, ela reconhecia-o, possivelmente audaz. Mas as noites tão brilhantes e perfeitas como aquelas eram feitas para a audácia e, afinal de contas, ela estava a sentir-se invencível.

Ele hesitou, olhando de relance para as calças de ganga rasgadas dela e a camisola exageradamente larga e ela calculou que provavelmente ele nunca tinha falado com uma rapariga que não estivesse toda aperaltada com pérolas e caxemira graças ao dinheiro do pai. Pôs-se a pensar se ele alguma vez teria feito alguma coisa por puro prazer e concluiu, com toda a certeza, que não. Achou que talvez ele se fosse embora. Mas foi então que ele a surpreendeu.

— Tens os pés mais bonitos que já vi — deixou escapar, encolhendo-se depois, de vergonha.

Ela riu-se, fazendo saltar o cabelo louro.

— Só são bonitos quando estou a usar os meus sapatos da sorte. Os meus sapatos de Marilyn Monroe. Ela nasceu Norma Jeane, que não era ninguém, mas transformou-se em alguém. — Girou o tornozelo para fazer reluzir os seus *stilettos* prateados com pedras brilhantes. — É o que me vai acontecer a mim também. Dei a mim mesma um glamoroso novo nome digno de palco e os meus sapatos farão o resto. Uso-os em todas as audições.

Ele inclinou-se para a frente e, antes que ela percebesse o que ele estava a fazer, roçou cuidadosamente um dedo na presilha do tornozelo dela. Ela susteve a respiração.

— «Vossa senhoria está mais perto do céu do que quando a vi da última vez do alto de um *chopine*².» — Ele sorriu e depois encolheu os ombros. — É Shakespeare.

Ela olhou-o fixamente, com o coração a fazer piruetas. Nunca ninguém lhe falara assim. Não importava que as palavras não fossem dele. O facto de as dizer mostrava que se apercebera de algo nela que nunca ninguém compreendera e, nesse instante, ela decidiu-se a salvá-lo. Levou a mão à base do queixo dele e, com um gesto rápido de dedos, desabotoou-lhe o colarinho da camisa.

Ele inspirou demorada e profundamente, sugando o ar.

Ela inclinou a cabeça em direção à estação de metro de South Ferry.

— Então, *Shakespeare*, vens comigo ou não?

Os olhos dele repousaram nos dela, desaparecido que estava o seu olhar meio perdido.

— Vamos embora.

Ela atravessou com ele a rua até ao metro e os dois desapareceram pela orla dourada da cidade, de mãos dadas.

Foi uma noite mergulhada em magia. Anos depois, ele ainda recordaria os sons emudecidos de música e risos que desciam do passadiço

² *Chopine*: sapato com uma plataforma muito alta, concebido para impedir que as senhoras da nobreza sujassem os pés na lama e na imundície das ruas (séculos xv, xvii e xviii). [N. do E.]

de Coney Island até à praia, o calor da mão dela na sua. Os seus pés descalços e doridos enterraram-se na areia, absorvendo a sua frescura.

Ela sacudiu o cabelo dos olhos e encarou-o, colocando uma mão sobre o seu coração.

— Escuta as ondas — sussurrou ela, roçando os lábios nas orelhas dele. — É o ritmo do mundo... — Afastou-se dele com um rodopio. — Não te dá vontade de dançar?

Ele abanou a cabeça enquanto ela fazia a roda, desejando poder engarrafar parte do abandono dela. Era sedutor, tal como ela. Mas havia algo de febril na sua alegria, como se fosse demasiado excessiva para não ser também perigosa.

— Suponho que não vivas na cidade há muito tempo — disse ele.

— Duas semanas — anunciou ela com orgulho. — Porquê? Tenho ar de novata?

— Ninguém se mantém tão feliz nesta cidade — disse ele. — Não é possível. Pelo menos sem dinheiro. — Assim que as palavras lhe saíram da boca, odiou-se por tê-las dito. Apesar de pertencerem ao seu pai, ali estava ele a regurgitá-las, por estar demasiado assustado para acreditar em algo que fosse diferente.

O olhar dela era um misto de raiva e traça.

— Quem é que precisa de dinheiro? Já tenho sítio onde dormir. Na Avenue A... e não pago renda.

— És ocupa? — Ele ergueu o sobrolho. Já tinha ouvido falar em fugitivos de casa e desistentes da escola a ocupar prédios de apartamentos abandonados em Alphabet City, de artistas ou atores em começo de carreira que construíam aldeias ilegais inteiras por detrás de janelas entaipadas. Invejava-lhes a ousadia, mas não a pobreza.

— Ocupa... por agora. E depois... logo se vê. Vou alimentar-me do ar. Tomar banho no Hudson. Vou *fazer* com que seja possível. — Acendeu um cigarro, deu uma passa demorada e entregou-lho. — Não me digas que és um destruidor de sonhos. Detesto destruidores de sonhos.

— Então... conheces alguns pessoalmente — disse ele.

Ela encolheu os ombros.

— Só toda a gente que eu conhecia antes de vir para cá. — Enterrou o bico do sapato na areia. — Diziam que eu era nova demais. Que o teatro

não seria bom para mim. Queriam que eu ficasse em casa, onde estaria em segurança. — Atirou a cabeça para trás e gritou. — A segurança chateia-me de morte!

Ele riu-se, depois fez um ar sério.

— Talvez o meu problema seja a segurança. — Pôs-se a contemplar a água, onde as luzes do passado faziam reflexo nas ondas. — Estou preso numa rede de segurança. Não posso fazer mais nada a não ser o que esperam que faça. O meu pai construiu o meu molde antes mesmo de eu nascer. É o meu destino. — Tirou um relógio de bolso antigo da algibeira do casaco e abriu-o com um piparote, segurando a inscrição ao nível da cara dela. — «Tempo desperdiçado é dinheiro perdido.» Assim dizia o meu avô, e agora o meu pai.

Ela escarneceu.

— Que se lixe o destino! As pessoas caem nas coisas e chamam a isso destino. O destino é uma desculpa manhosa para as escolhas que não nos satisfazem. — Esticou os braços para as estrelas. — E o tempo... — Sorriu para ele. — Bem, o tempo só é desperdiçado quando o gastamos a preocuparmo-nos com o destino.

Ao olhar para o seu radioso rosto, apeteceu-lhe deslizar com ela pela encosta escorregadia do sonho, ignorar o martelar dos planos do pai no seu cérebro. Pela primeira vez na vida, mas não pela última, deixou-se ir.

Ela puxou-o para as ondas, enquanto dava pontapés na espuma do mar e se ria. Por um momento, o luar tremeluziu nos seus *stiletto*s na água e estes transformaram-se em escamas reluzentes, e ela transformou-se na sereia do canto irresistível.

Chapinharam e nadaram até que, revigorados e a pingar, se deixaram cair sem fôlego na praia, nos braços um do outro. Ela fez uma almofada com o casaco dele e deitou lá a cabeça, moldando uma cama para ele na areia.

O silenciar das ondas embalou-o. O rasto de estrelas aquietou os números que se precipitavam na sua cabeça. E, à medida que ela o beijava, os cifrões acabaram finalmente por desaparecer.

Quando ele a deixou a dormir ao luar, estava a sorrir. E ainda estava a sorrir quando apareceu na casa dos pais na East 73rd para lhes dizer que ia voltar à escola para estudar Arte.

Ela acordou com as ondas a lamberem-lhe os sapatos. Sentou-se direita, piscando os olhos a um nascer do sol cor de tangerina. A maré tinha subido e a areia cintilava, limpa e fresca. Ouvira o «obrigado» sussurrado às primeiras horas da manhã e sentira o beijo que ele lhe dera no cabelo, mas deixara-o acreditar que estava a dormir. Era melhor evitar uma manhã de constrangimento. Assim, se ele tivesse algum arrependimento, ela não o veria. Além do mais, agora ela sentia-se como uma genuína nova-iorquina. Tinha estabelecido um contacto aleatório e, depois de um breve momento de glória, seguia agora em frente.

Esticou-se para alcançar os seus sapatos da sorte e encontrou o relógio de bolso dele ao lado, aninhado como se estivessem todos a dormir na areia. Pegou em tudo e subiu a praia a dançar até ao metro, com um minúsculo universo de cromossomas já a começar a girar dentro dela, feliz por ter um lar.

Na Wall Street, ao amanhecer, um vagabundo libertou-se das toalhas da loiça imundas que tinha embrulhadas nos pés e calçou um par de sapatos oxford abandonados, engraxados e novos em folha. Serviam-lhe na perfeição. Afastou-se sem um único coxeio.

A 10 de julho de 1991, Sara «Linnea Chantal» Miller deu à luz uma linda menina com olhos amendoados e um cromossoma a mais e, apesar dos olhares céticos das enfermeiras da ala da maternidade, deu-lhe imediatamente o nome de um sapato.

Março de 1939
Campo de Trabalho de Sachsenhausen,
Oraniemburgo, Alemanha

DALYA

Foi no dia em que começou a tosse cavernosa de Inge que Dalya encontrou uma pedra branca do tamanho de um ovo de tordo. Estava parada no «pátio do exercício», à espera da chamada, a tremer. Os casacos que haviam levado tinham-lhes sido arrancados assim que desceram do comboio, e as roupas e sapatos que os oficiais do campo lhes tinham dado já estavam puídos. Até o seu longo cabelo castanho, do qual a haviam despojado como de tudo o resto, fora rapado para não apanhar piolhos. Tinha os dedos das mãos e dos pés constantemente dormentes, e às vezes achava que talvez fosse preferível ficar na camarata do que enfrentar o frio. Mas as pessoas que não se levantavam da cama eram levadas e nunca mais voltavam, por isso a mãe obrigava-a a levantar-se, sempre.

Agora a mãe encontrava-se ao seu lado com um braço a contornar firmemente Inge. Dalya esperava que as guardas pensassem que o braço da mãe era um gesto de afeto ou de proteção. Mas ela sabia que não. Inge não se mantinha em pé sozinha. Tinha os olhos semicerrados, as faces ruborizadas de febre, mas a mãe precisava de garantir que o seu aspeto era o mais saudável possível. Caso contrário, as guardas levá-la-iam para a enfermaria. Até então, ninguém jamais regressara da enfermaria.

— Olha, Inge — sussurrou Dalya. — Acho que podemos usar esta pedra para desenhar. — Sorriu à irmã, mas abriu os lábios gretados, fazendo escorrer sangue da boca. Tanto melhor, pensou ela,

encolhendo-se de dor. Os seus lábios ganhariam um brilho saudável e rosado para a inspeção das guardas.

Dalya agachou-se diante de Inge com a pedra. Mas os olhos de Inge não pestanejaram, nem sequer tremelicaram de reconhecimento. Dalya suspirou, aconchegando a pedra numa das suas socas de reclusa, onde não seria vista pelas guardas. Teve vontade de abanar a irmã até esta lhe mostrar algum sinal de vida. Tinha desaparecido o diabrete impulsivo de temperamento volúvel e Dalya ansiava desesperadamente por tê-lo de volta, arrependendo-se de todos os momentos em que perdera a paciência com ela.

À chegada ao campo, Inge tinha chorado o tempo todo. Chorara por David e pelo pai, que tinham sido separados delas assim que desceram do comboio. Chorara pela bonequinha arrancada dos seus braços naquela noite tantos meses antes. Chorara quando a mãe tentara explicar aos oficiais das SS que tudo se tratava de um engano, que nenhum deles ali devia estar. Mas isso fora antes de a fome e a exaustão lhe gastarem as lágrimas. Agora, quando não era obrigada a estar em pé para a chamada, Inge enrolava-se numa bola imóvel no beliche da caserna em que se encontravam. Agora, Dalya desejava que as lágrimas de Inge recommencessem, porque era demasiado assustador ver a irmã, que sempre fora um turbilhão de energia, tão sossegada, tão calada.

— Agora endireita-te — sussurrou-lhe a mãe, quando as guardas percorreram a fila de reclusas em direção a elas. — Pode ser que nos mandem hoje para casa, Inge.

Dalya encolheu-se com a cadência animada no tom de voz da mãe. Ouvira-a todos os dias desde que tinham chegado, e de cada uma das vezes soubera que era mentira. Ainda assim, tratava-se de uma mentira necessária. Era a única maneira de obrigar Inge a sair da camarata, a comer, a posicionar-se naquela fila. Por isso, Dalya também mentia.

— Pode ser que vejamos o *Vati* e o David mais logo — disse ela.

Por um breve segundo, os olhos de Inge tremeluziram ao olhar para o segundo pátio do outro lado da vedação de arame farpado, o pátio onde, apenas por uma vez, haviam visto os homens e os rapazes alinhados para a chamada, no primeiro dia que ali passaram. Naquele sítio havia muito mais homens do que mulheres e crianças. Centenas de homens, na verdade, mas apenas cerca de uma dúzia de mulheres

e crianças. Parecia estranho, e a mãe não parava de dizer que a presença delas ali era um horrível mal-entendido. Ainda assim, as guardas não faziam qualquer movimento para as libertar, apesar de isso também lhes causar problemas a elas. Naquela primeira chamada, segundos depois de maridos, esposas e filhos se localizarem uns aos outros, tinha começado a choradeira. Houvera uma corrida louca até à vedação, com dedos a esticarem-se pelo arame para tocarem nos rostos e mãos dos seus entes queridos. As guardas gritaram, empurrando as costas de toda a gente com as coronhas das armas. Depois disso, as chamadas dos homens e das mulheres nunca mais foram ao mesmo tempo.

Agora, Dalya puxava os ombros para trás e endireitava o corpo, enquanto as guardas as encaravam.

— A pequenita está com um ar adoentado. — A guarda mais corpulenta agarrou em Inge por baixo do queixo. — Deixe-a ficar em pé sozinha.

A mãe de Dalya tirou o braço da cintura de Inge e Dalya susteve a respiração quando Inge balançou de modo instável por alguns segundos. Mas Inge manteve-se de pé e a guarda lá seguiu caminho, por fim. A mãe abraçou Inge depois de terminada a chamada e, quando as mulheres e crianças se apartaram, acotovelou Dalya.

— É o Aaron — sussurrou, fazendo sinal com a cabeça na direção da vedação. — Vai lá.

Dalya levantou os olhos de relance e viu Aaron a empurrar pelo pátio um carrinho de mão cheio de tijolos do outro lado do arame farpado. Mantinha os olhos focados nos tijolos mas avançava lentamente ao longo da vedação, e ela sabia que ele estava à sua espera. Era este o sistema de comunicação que haviam desenvolvido, e uma maneira de os pais passarem rações alimentares às mulheres e filhas sempre que podiam. Dalya e Aaron, por serem mais novos, corriam menos risco de castigo do que os pais ao violarem as regras do campo. E, até então, nenhum deles tinha recebido nada mais severo do que repreensões por parte dos guardas. Ainda assim, Dalya tinha de ser rápida e cautelosa.

Aproximou-se mais e, quando se pôs ao alcance dele, Aaron tropeçou, espalhando os tijolos pelo chão.

Quando ele se dobrou para os apanhar, sussurrou:

— O David está doente, mas está vivo.

— A Inge também — disse Dalya. — Eu e as outras estamos bem.

— Nós também estamos bem, por agora. Diz à minha mãe... que isto é tudo o que tenho. — Aaron fez sinal com a cabeça para o chão, onde se encontrava um tijolo partido ao meio que deixava à mostra uma pequena porção de pão na sua concavidade.

Ela dispunha de segundos, apenas, portanto dobrou-se com um ataque de tosse, tornando-o tão violento, que teve de esticar uma mão para se acalmar. Num movimento célere, essa mão atravessou a vedação, agarrou no pão e escondeu-o na boca.

Recuou no preciso instante em que um guarda caminhava a passos largos na direção de Aaron, com a coronha da espingarda erguida e a postos.

— Apanha isso, parvalhão! — gritou ele, e Aaron curvou de imediato a cabeça, deixando-se cair de joelhos.

— Claro que sim. Peço imensa desculpa.

Mas, quando se pôs de pé com os braços cheios de tijolos, metade deles escorregou-lhe das mãos. O guarda agarrou-o pela gola, levantando-lhe os pés do chão.

— Além de imbecil, também és palhaço? — gritou-lhe o guarda na cara.

— Por favor, perdoe-me — disse Aaron.

A sua postura acobardada fez com que Dalya virasse as costas. Como podia ele rebaixar-se daquela maneira? Porque é que não olhava o guarda nos olhos, para lhe mostrar que não tinha medo? Ela detestava aquele jogo de subserviência que via Aaron, bem como muitos outros reclusos, a jogar. Aonde os levaria, afinal de contas? Nem um tijolo a menos para carregar; nem um pedacinho de comida a mais para comer.

Apressou-se até à caserna, onde tirou o pão da boca e o passou por baixo de uma ripa do beliche para o partilhar com Inge, e mais tarde com Chava e Hila Scheller. (Sabia que a mãe iria recusar a sua parte, como sempre acontecia.)

Estava de volta à rua antes que as guardas dessem por alguma coisa e, quando voltou a juntar-se a Inge e à sua mãe, olhou de relance na direção de Aaron, que se afastava com a sua carga. Pela primeira vez, ela reparou nos ângulos pronunciados dos ossos dele a espetarem-se

debaixo da roupa, nas covas cada vez mais profundas das suas faces. Veio-lhe à cabeça um pensamento. Ele dissera que o pão era tudo o que *ele* tinha. Se calhar não era a comida dos pais de nenhum deles, mas sim a dele próprio. Se fosse esse o caso, não lhe parecia que pudesse dar-se ao luxo de a dispensar.

Ela esperou até que caísse a noite para retirar do sapato a pedra branco-pérola e entalá-la por entre as tábuas de madeira do seu beliche. Mal conseguia dormir, por estar a pensar nisso. Ansiava por se esticar, nem que fosse só para se manter quente. Quando pelo menos uma parte do seu corpo estava em movimento, o frio cortante diminuía o suficiente para ela se manter a respirar. Na caserna não havia cobertores, e a mãe não as deixava taparem-se com palha apanhada do chão. Estava imunda, por causa das pessoas que adoeciam e não conseguiam chegar a tempo às latrinas. E também lá havia ninhos de ratos. Todas as noites, os seus olhos vermelhos reluziam no escuro. Dalya não queria verdadeiramente a palha, mas nessa noite, com aquele ar impiedoso, sentia-se tentada. Contudo, resistiu, tal como resistia à atração da sua pedra branca à medida que cada minuto eterno passava.

Quando os primeiros raios de sol irromperam pelas ripas nas paredes, ela retirou a pedra do esconderijo e deitou as mãos geladas à obra. Quase se riu quando a pedra cinzelou uma fina linha branca ao longo da parede da camarata. Mas qualquer vontade de rir que ela pudesse ter fora deixada para trás na Kurfürstendamm, em Berlim. Ao invés, fez uma outra linha, e outra, até surgir na parede o gracioso arco de um sapato.

À hora a que Inge acordou a tossir, Dalya já tinha terminado o primeiro sapato.

— Olha, Inge — sussurrou ela, puxando mais para si a irmã, para lhe mostrar a parede. — Posso contar-te a história deste sapato? Como fazíamos dantes?

Inge assentiu com a cabeça e Dalya engendrou uma história de ladrões, princesas e uma maldição antiga. À medida que a história se desenrolava, os olhos baços de Inge tornavam-se mais brilhantes e Dalya sentiu uma réstia de esperança. Por isso, começou com determinação.

Nos dias que se seguiram, desenhou sapatos na camarata até cobrir a parede. Bastava-lhe olhar para um rascunho e o sapato irrompia completamente formado na sua mente. Só o facto de se imaginar a moldar o cabedal com as suas próprias mãos já lhe aquecia os dedos. Para Inge, cada sapato continha um conto de fadas de magia e mistério, e Dalya tinha a certeza de que a via a melhorar a cada sapato que desenhava.

Mas foi então que chegou a manhã em que Inge não se quis levantar, em que ficou deitada em estado lânguido, com o rosto cinéreo, os olhos uma obsidiana insondável.

Dalya olhou de relance para a mãe e viu refletido nos seus olhos aquilo que sentia no seu coração: medo dos dedos velhacos e aterradores da morte. Percebeu nessa altura o que, por bondade, a mãe evitara dizer-lhe: Inge era pequena demais para ser mantida viva por sapatos imaginários.

O megafone estrepitou, anunciando a chamada, mas Dalya e a mãe não se mexeram. Prenderam os braços em torno de Inge e ficaram à espera. Nesses preciosos escassos minutos, a mãe aninhou Inge nos braços, cantando para ela e desviando-lhe o cabelo da testa, e Dalya segurou na magra e frágil mão da irmã.

Em menos de nada ouviu-se o estrondo de botas a atravessar o chão forrado de feno e uma guarda apontou-lhes um archote à cara.

— Levantem-se! — ordenou ela.

Dalya apertou a mão de Inge com mais força.

— Eu disse... *levantem-se!* — A guarda puxou Dalya para fora do beliche para deixar Inge à mostra, aconchegada à mãe.

Bastou um único olhar de relance para o rosto de Inge para que a guarda vociferasse:

— Esta vai para a enfermaria.

Quando a guarda se esticou para pegar em Inge, o pânico subiu aos olhos da mãe.

— Não — sussurrou a mãe. — Deixe-a aqui para morrer comigo. Por favor.

A ruga na testa da guarda aprofundou-se e transformou-se em aversão. Libertou-se da mãe de Dalya e puxou Inge para fora do beliche, mas esta acabou por cair redonda no chão. O coração de Dalya partiu-se em pedaços e ela cerrou os punhos até cravar as unhas nas

palmas das mãos. Era a única maneira de se impedir de usar as unhas na cara da guarda. Inge choramingou e a mãe agarrou-se ao peito, com os olhos selvagens de sofrimento.

Um inferno incandesceu sob a pele de Dalya, enchendo-a de ousadia.

Enquanto a guarda se dobrava para levantar Inge, Dalya enfiou o dedo pela garganta até o estômago derramar no chão o seu fraco conteúdo. Ela caiu de joelhos, novamente com ânsias de vômitos.

— O quê, também tu? — A guarda enojada puxou-a para a pôr de pé, enquanto Inge descaía de modo pouco natural nos seus braços. — Anda lá, então. — Deu uma risada por cima dos gemidos da mãe de Dalya. — A morte está à espera.

A morte só chegou para uma delas.

Dalya supunha que os médicos e enfermeiras soubessem que, tirando a fome, não havia nada de errado com ela. Quer tivesse sido por terem pena das duas ou simplesmente por terem achado divertida a mórbida trama, deixaram Dalya ficar na enfermaria. Partilhava com Inge uma cama de campanha num quarto cinzento despido, rodeada por outras reclusas doentes. Achou que iria sentir-se assustada pelo fedor a doença e a rouquidão das moribundas, mas não. Ao invés, estava determinada a escudar Inge de tudo aquilo, a arranjar maneira de a puxar para longe do precipício.

No primeiro dia, entoou-lhe cânticos de oração em hebraico. Um dos médicos repreendeu-a uma vez, mas, quando se apercebeu de que as outras doentes tinham parado com os gemidos e os lamentos para a escutarem, não tornou a queixar-se. Talvez tenha achado que até as canções judias custavam menos a ouvir do que as súplicas de quem tinha sido apanhado na luta contra a morte. Por isso, ela cantou até ficar rouca, até Frau Scheller entrar com um tabuleiro de comida.

Dalya abriu a boca para a cumprimentar, mas Chava Scheller levou um dedo aos lábios.

— Eles não gostam que sejamos simpáticas umas com as outras — sussurrou. — É melhor ficares calada, que eu falo quando puder. — Pousou o tabuleiro e, dobrando-se para colocar um trapo na testa de Inge, fez deslizar um pedaço de pão para a mão de Dalya. — A tua mãe

está a dar-me as rações dela para ti. Não a deixam visitar-te. — Levantou uma tijela de sopa de batata aguada do tabuleiro. — Vá lá, Inge. Tenta comer. Nem que sejam só umas colheradas... já era qualquer coisa.

Inge abanou a cabeça de modo débil.

— Dê cá isso. Eu dou-lhe de comer. — Dalya apoiou Inge no seu corpo e enfiou-lhe um pouco de sopa por entre os lábios.

— É isso mesmo — disse Frau Scheller. — Devagarinho agora. — Olhou de relance por cima do ombro para uma enfermeira que por ali andava.

— Que desperdício — balbuciou a enfermeira por cima da prancheta, abanando a cabeça. — É como despejar sopa na sepultura.

Dalya segurou Inge com mais força, oferecendo a sopa à enfermeira.

— Tome. Coma a senhora, então.

Os olhos da enfermeira chisparam e, ao mesmo tempo que ela virava as costas com repulsa, Dalya murmurou:

— Cobarde.

— Cautela — sussurrou Frau Scheller, mas com um lampejo de orgulho nos olhos quando se endireitou. — Não posso ficar, mas sei que vais tomar conta dela. — Apertou a mão de Dalya com força. — O Aaron disse-me certa vez que tu eras como um porco-espinho que não sabe para onde apontar os picos. — Sorriu de modo pesaroso. — Ele sofreu a picada uma vez ou outra, embora eu tenha a certeza de que tu nunca te apercebeste.

O calor irrompeu pelas faces de Dalya, que sentiu uma arremetida de rancor em relação a Aaron, por ele ter falado de si de modo tão cru, com uma descrição tão pouco lisonjeira. Ela já tinha sido brusca com ele, quando a sua presença vigilante se tornara demasiado irritante. Mas envergonhava-a o facto de ele achar que ela era tão desprovida de ternura.

— Não te preocupes — disse Frau Scheller. — Aaron sempre teve um excesso de avidez por afeto, mas ele é resistente. E agora que estamos neste sítio horrendo, quem sabe se tu não arranjas um outro alvo que valha a pena espicaçar?

Dalya assentiu com a cabeça, pensando nos membros da Gestapo que as mantinham ali, a viver como animais no meio da imundície e esqualidez. Mas, como não sabia o que responder aos comentários de Frau Scheller em relação a Aaron, disse antes:

— Diga à *Muti* que vou manter a Inge em segurança, o melhor que puder.

Tinha jurado fazê-lo, durante o máximo de tempo possível.

Mas, ao terceiro dia na enfermaria, Inge parou de comer. A sopa escorria-lhe pelo queixo, fazendo poça na cova do pescoço. Até a Frau Scheller faltavam palavras de encorajamento.

Ao sexto dia, Dalya acordou com um arrepio, sozinha. Pestanejou contra o brilho gélido das janelas e, ao comprimir a mão contra as fibras frias e ásperas da cama de campanha, percebeu que estava a dormir sozinha há horas.

Uma enfermeira que ali estava por perto espreitou para ela por cima da sua ficha.

— Tu vais voltar para a caserna — disse ela, num tom inexpressivo. — O senhor doutor diz que estás bem e com forças suficientes para trabalhares ao lado das outras mulheres. As guardas vão dar-te as ordens. — Sacudiu a cabeça na direção da porta na outra ponta da enfermaria e Dalya pôs-se de pé, com a pergunta que não se atrevia a fazer a queimar-lhe a língua.

Caminhava de modo hesitante, não querendo partir sem saber ao certo. Mas foi então que avistou Frau Scheller a cuidar de outra doente encostada à parede. Os seus olhos cruzaram-se por um breve momento e Frau Scheller fez um aceno com a cabeça, mal conseguindo disfarçar a tristeza no rosto. Os olhos de Dalya encheram-se de água, mas ela não derramaria uma única lágrima, não diante das guardas e dos médicos que a olhavam com interesse, como se ela fosse alguma experiência de sofrimento.

Encontrou a mãe na caserna, encostada à parede da camarata, à espera de ouvir o que o coração já sabia ser verdade. A mãe olhou de relance para ela, parada e sozinha à sua frente, e viu a sua pergunta respondida. Um uivo rasgou o ar, trespassando o coração de Dalya, gelando-o naquele momento.

Depois disso, o inverno instalou-se nos seus ossos e não houve maneira de os aquecer. Ainda assim, ela continuava a desenhar sapatos. Mas não os desenhava para se manter quente. Desenhava-os para se manter viva.

Janeiro de 1996
Irving, Texas

O INÍCIO DE RAY LANGSTON

A mãe gatinhou para fora da pilha de metal retorcido. A sua visão ia e vinha em vagas, mas já distinguira a cabine telefónica do outro lado da rua e precisava de lá chegar.

O choro desesperado da filha erguia-se no ar e ela agradecia-o. O choro era forte, saudável. Era muito melhor a bebé estar a chorar, pois o silêncio só significaria uma coisa. Quando olhara para o marido no banco da frente, logo após o pneu do camião ter atravessado o para-brisas, vira o silêncio estampado no seu rosto. Percebera que não valeria de nada chamar por ele. Já estava morto antes mesmo de o carro ter parado de rodopiar na estrada.

É isso mesmo, meu doce, pedia ela a Ray, enquanto se arrastava para atravessar a rua gelada. *Continua com esse queixume. Mostra ao mundo que estamos aqui.*

Antes de ter saído pela janela despedaçada, verificara o banco de trás e quase se rira de alívio ao ver a sua Ray de faces rosadas sentada incólume na cadeirinha, com os olhos verdes inquiridores e calmos. Mas a dor forte no peito impedira-a de o fazer.

A luz do dia já esmorecia quando alcançou a cabine telefónica e, com o último resquício de forças, ligou para o número de emergência, para depois tombar na erva quebradiça. Não tardou a que o gemido das sirenes se juntasse aos gritos da sua filha. Ela sorriu e reuniu todo o seu amor, veiculando-o para o carro desfeito e para a filha, na esperança de que este encontrasse o caminho até ela através do vento.

Vais ficar bem, Ray, pensou ela. *Continua a fazer barulho.*

Foi então que viu os ténis de corrida. Os ténis do marido — prateados com atacadores e sola cor de laranja néon. Estavam espalhados sobre a linha central amarela no asfalto, a uns bons seis metros do acidente. Um dos sapatos tinha aterrado direito, o outro estava de lado.

Que engraçado, pensou ela. Parecem solitários.

Depois, uma cortina desceu sobre os seus olhos e o mundo perfeito que sustentava a sua filha começou lentamente a desaparecer.

«Um romance terno sobre amizade, amor e perda.»

BOOKLIST

Dalya é filha de um sapateiro e vive em Berlim, na década de 1930. Apesar de ter apenas 15 anos, sabe que o seu destino é seguir as pisadas do pai e tornar-se também ela criadora de sapatos. Mas quando Dalya é levada para um campo de concentração com a família, a sua vida muda para sempre, e vê-se obrigada a deixar para trás tudo aquilo que conhece... bem como um lindo par de sapatos, o primeiro feito por si.

Esses sapatos fazem uma viagem no espaço e no tempo até aos dias de hoje, indo parar a uma loja de artigos em segunda mão. Nesta loja entram Ray e Pinny, duas raparigas que não podiam ser mais diferentes uma da outra: Ray é órfã, vive numa instituição, mas sonha fugir para Nova Iorque, e Pinny é uma otimista incurável, pois acredita que, apesar de ter síndrome de Down, isso não a impedirá de concretizar os seus sonhos.

Um único par de sapatos cor-de-rosa irá unir estas três vidas, marcadas pela perda, numa história de coragem, amor e memórias e dos acasos felizes que nos interligam a todos.



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8839-23-7



9 789898 839237

Ficção Estrangeira